



Bracher quer voltar a seus negócios particulares

Bracher, descontente com indecisões, quer deixar BC

Brasília — O presidente do Banco Central, Fernão Bracher, quer deixar o seu cargo e retornar às suas atividades particulares em São Paulo. Ele está irritado com as divergências de opinião entre os ministros da área econômica, que terminam por dificultar ainda mais a renegociação da dívida externa com os banqueiros americanos.

Fernão Bracher é um cidadão tranquilo. Não é um político de rompantes, nem um tecnocrata no estilo brasiliense. Mas, nos últimos dias, tem confidenciado a amigos que a negociação externa seria muito mais fácil se houvesse algum entendimento interno. Um fato chamou a sua atenção: a Feira Nacional da Indústria Têxtil, em São Paulo, apresentou seus produtos sem indicar preço.

Essa indicação de uma dessarraumação econômica profunda no país transforma a negociação com os banqueiros internacionais num pesadelo. Há pouco mais de uma semana,

porta-vozes do Palácio do Planalto foram instruídos no sentido de não confirmar nem desmentir a informação de que Bracher seria exonerado. Posteriormente, o presidente José Sarney, pessoalmente, interferiu para manter o presidente do Banco Central no seu posto.

Depois que retornou dos Estados Unidos, Bracher procurou alguns políticos — mesmo aqueles mais críticos a seu trabalho —, expôs as suas razões e começou a se impacientar com a falta de definições internas, que dificultam os seus entendimentos externos. E ele de novo se sente ameaçado de ser uma espécie de bode expiatório neste processo. Na noite do último sábado, Bracher recebeu o apelo do ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, para permanecer na função até que complete a rodada de negociação com os banqueiros americanos. Mas ele não se sente confortável no cargo.